

Table with subscription rates: Capital e Interior, ASSINATURAS, VENDA AVULSA. Annual Cr\$ 180,00, Semestral Cr\$ 100,00, Trimestral Cr\$ 60,00.

Os lavradores paulistas suas reivindicações

CRIME SEM CASTIGO

Reconstituição histórica e psicológica da tragédia da rua Santo Antonio, 104

“A CARGA ERA PESADA DE MAIS PARA OS OMBROS FRANZINOS DE PAULO DE CAMARGO” — AFIRMA UM SEU AMIGO — FOI O TERRENO MORBIDO DE SUA PERSONALIDADE QUE PRODUZIU A HORRENDA SOLUÇÃO

Oswald de ANDRADE Apresentação de Hideo ONAGA

ENTRE A FAZENDA do inte-de meios

tributado como se comerciante esperanças de suas colheitas, potências pelas atitudes de qualquer que os mesmos capazes ou desestimula-

A tragédia da rua Santo Antonio, sem dúvida uma das mais impressionantes jamais registradas pela crônica policial do país, esse drama que se desenrolou à sombra dos gigantescos arranha-céus da Paulicéia, numa humilde residência de tradicional família paulista, arrastando-a para a morte, pelas circunstâncias de que se revestiu e pelas interrogações unânimes e ansiosas que pôs no cérebro de todo mundo, constitui ainda agora, uma quinzena desde quando eclodiu, objeto de incansáveis comentários.

O QUE IMPRESSIONA NÃO É A MORTE DESSE MOÇO, MAS, SIM, A VIDA!

O que impressiona — disse-me alguém — não é a morte desse moço, mas, sim, a vida! De fato, basta penetrar-se na pequena casa da rua Santo Antonio, a de n.º 104, para se ver que ali moravam quatro pessoas enoveladas numa tragédia sem horizonte e sem fim.

COLABORAÇÃO DE OSWALD DE ANDRADE

Oswald de Andrade é um nome que não precisa de apresentação. Romancista poderoso de Os Condenados, jornalista combativo e brilhante, conhecido pelas suas colaborações nos mais prestigiosos periódicos de São Paulo e do Rio, crítico arguto de Pontas de Lança, estudioso profundo das questões sociais do Marco Zero, eis a pessoa convidada pela direção das Folhas para orientar um trabalho de exaustiva pesquisa a que se iria proceder.

HISTÓRICO DA TRAGÉDIA

Antes de apresentar, além do trabalho realizado pelo autor de Os Condenados, entrevistas e depoimentos de psiquiatras, sociólogos e políticos sobre o assunto que



Oswald de Andrade

de revolver, dois no laboratório do prof. Rheinboldt, um no do prof. Hauptmann e um na escada. Tais fatos, anormais, senão misteriosos, aliados ao estranho comportamento de Paulo nos últimos dias, levaram seus companheiros de trabalho a desconfiar de sua saúde mental. E no dia 9, o prof. Marcelo de Moura Campos, colega de pesquisas de Paulo Ferreira de Camargo, procurou o médico psiquiatra Calubi Novais, a quem narrou suas dúvidas. De posse dos elementos produzidos pela observação do prof. Moura Campos, o psiquiatra, com as devidas reservas, declarou que poderia tratar-se de um caso de esquizofrenia de forma paranóide. Combinaram, todavia, para aclarar o assunto, observar, sem que ele soubesse, o comportamento de Paulo Camargo. Esse exame não pôde ser efetuado porque no dia seguinte, 10, o jovem doutorando comunicava ter que se ausentar da capital.

A coloração estranha que tingia os fatos acentuou-se quando, no dia 17, o prof. Hauptmann recebeu de Paulo Camargo, procedente de Curitiba, datada do dia 15, uma carta, posta no correio no dia 14 (conforme demonstrava o carimbo no envelope), baseada num tom forçado e cheia de “retróques” em que comunicava a morte da genitora e das irmãs Cordélia e Maria Antonieta, mais um senhor, num desastre de automóvel ocorrido nas vizinhanças de Curitiba.

Em virtude de todas essas estranhas circunstâncias, solicitava o prof. Hauptmann, à Delegacia de Segurança Pessoal, as providências cabíveis e em caráter absolutamente

(Conclui na 4.ª pag. deste cad.)

empolguou e continua de certa forma atraiendo comentários de todas as camadas sociais, faremos um histórico sobre os acontecimentos que culminaram no suicídio de Paulo Ferreira de Camargo, um testemunho oral das pessoas que se viram envolvidas pelas suas relações de parentesco, de amizade ou proximidade com a família Camargo, e nos depoimentos arrolados pela Delegacia de Segurança Pessoal.

DISPAROS NO LABORATÓRIO DE QUÍMICA

No dia 17 de novembro de 1948, o delegado de Segurança Pessoal recebeu do prof. Heinrich Hauptmann, da cadeira de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, corroborada pelos professores Marcelo de Moura Campos e Senise, a comunicação de fatos que pareciam de alta importância. No dia 5, no laboratório do prof. Rheinboldt, no prédio da al. Glette, onde funcionava o Departamento de Química da Faculdade de Filosofia, alguém disparara um tiro, tendo sido encontradas uma bala no interior de um armário que continha recipientes de vidro e uma capulha em cima de uma mesa. Rigoroso inquérito entre os funcionários do estabelecimento, resultou na explicação espontânea de Paulo Ferreira de Camargo, doutorando em Química Orgânica: examinava ele uma arma quando esta, acidentalmente, disparou. A explicação era convincente e o incidente parecia ter chegado a termos com a apresentação de desculpas pelo autor do disparo ao prof. Rheinboldt, no dia 10. Tal porém não se deu. Nesse mesmo dia, comunicando-se por telefone com o prof. Hauptmann, declarou Paulo que se ausentaria de São Paulo por alguns dias em vista do precário estado de saúde de sua mãe, que se encontrava numa fazenda em companhia das duas filhas, uma das quais, Cordélia, Ferreira de Camargo, funcionária do estabelecimento, a qual teria sido submetida a uma apendicectomia no dia 5, fato que seu irmão comunicara ao Departamento, acrescentando que a operação fora realizada no Hospital São Jorge. Nessa casa de saúde, onde companheiros de trabalho procuraram Cordélia para uma visita, obteve-se a estranha notícia de que nenhuma paciente com tal nome passara por lá. Dias depois foram encontrados vestígios de mais quatro disparos



Ela



Ele

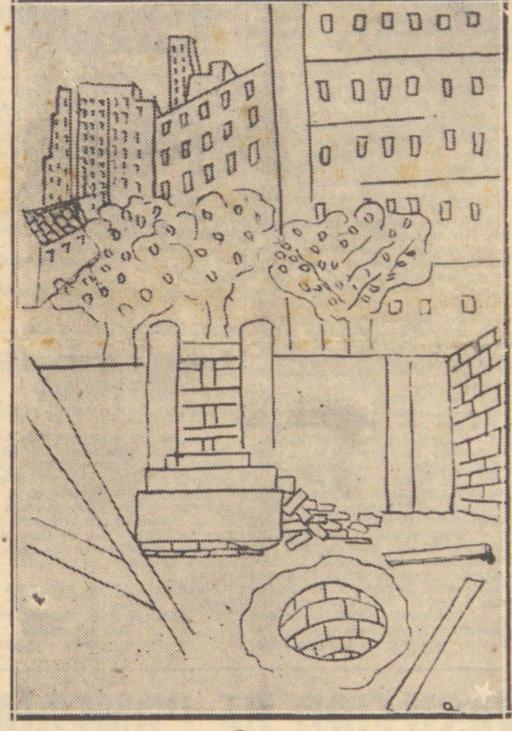
casamento nivelado dentro de sua classe e de sua órbita universitária e ao qual não se oporia argumentadamente a família escrupulosa. Teria Paulo

saído essa desconhecida, para tirar à família desgraçada e doente o seu grande arrimo? Criar outro lar era impossível para os recursos econômicos de Paulo. Como seria possível a conibitação daquelas três franciscanas, numa casa triste onde só respiravam gatos e papagalos, com a cara pintada e livre de uma moça assim? As próprias declarações da enfermeira à polícia não escondem o choque entre da. Benedita de Camargo e ela. Insistindo pelo telefone em ver Paulo, ela a desfeiteada por aquela que iria ser sua sogra e com quem iria morar. As declarações acrescentam que Paulo lhe prometera casamento, dizendo-lhe ser superior aos preconceitos que podiam entrar o enlace.

“Conheci e amei Paulo” — afirma ela aos jornais. E Paulo a conheceu e mais que a amou. Toda a carga sentimental que demoradamente o oprimia, refletiu na direção do noivado. Ai dos obstáculos que se opusessem àquela inedita felicidade entrevista, fossem de que ordem fossem, doessem a quem doessem! A carga existencial de seu ser derrubou de golpe o mundo artificial e tragico de opressões e deveres onde vegetara o sacrifício de sua mocidade. O ego-ideal de sua formação puritana caiu de chofre. E, aí, entrando a se dar a transformação do terreno paranóide em esquisofrenico, tudo que houvera sido objeto e fim de sua apurada e longa devoção devia ser profanado e morto.

Entra aqui a necessidade de se estudarem dois agentes de ordem intelectual, que dariam ao crime a sua lógica inflexível e o seu sentimento de alta consciência: um pendor nietzschiano de super-humanidade, recoberto de dogma e sentimento de disciplina, cautelosamente oculto nos subterrâneos do inconsciente de Paulo, e que duas vezes apenas aflora na sua vida de relação. De outro lado, uma decisão eutanasica diante daquelas mulheres imprestáveis, que entorpeciam os seus movimentos ambiciosos e a quem a morte daria solução e sossego.

Quem nos diz que não foi diante de uma crise de epilepsia de Maria Antonieta, acudida pela mãe, que ele, tendo tudo lucidamente preparado, não tivesse gritado o grande “basta!” para aquele mundo de intranferível sufocação?



O poço (Desenho de Oswald de Andrade Filho)

Moços, mesmo com o salário de miséria que sacrificam entre nós os intelectuais de qualquer espécie, talvez as coisas não fossem tão mal. Paulo, adolescente, já que sustentava a casa, procurou investir-se na figura autoritária do pai, nada mudando nos hábitos austeros e no isolamento reagido do grupo. E aqui decido lembrar aos psicanalistas o material que ocorre diante de um complexo de autoridade ancestral e paterna atirado aos sarcásticos imperativos do mundo de hoje. Evidentemente, os lances que ligavam o moço professor à mãe e irmãs, doentes e recalcadas, foram verdadeiras “barriletas” de mumificação de sua tremenda personalidade. E o crime se apresentou à sua mente morbida como uma quebra de um obscuro e pesado compromisso que entrava os seus gestos livres de homem. Aqui aparece a deflagradora do anúncio de ressurreição, que Paulo entreviu pela primeira vez, com 28 anos de idade — a enfermeira Isa dos Amarelos. Relatam os amigos que ele tivera, havia anos, fechados os caminhos do amor pela recusa de uma colega ou companheira de Universidade, em atender aos sentimentos que nele despertava. Trata-se de uma moça louca cuja identidade não interessava desvendar, mas que sem nenhuma culpa teria provocado no maníaco um trauma de imprevisíveis consequências. Fato é que Paulo de Camargo teve diante dele a recusa em trilhar os caminhos legais e normais que remediariam sua atribulada vida de solteiro. Um amigo que atribuiu o insucesso ao modo abrupto pelo qual ele abordara com a moça o problema do casamento, aconselhou-o a que a procurasse com jeito e com calma, o que Paulo fez, sendo de novo definitivamente desatendido. Chorou então no quarto de um confidente e passou até a beber por certo tempo. Meses depois parecia estar curado, fazendo mesmo ironia com o caso. Afastava-se, assim, da oportunidade sentimental de que resultaria um

enveredado por aventuras escusas como essa que aparece com o depoimento de uma mulher gravida e sem domicílio, a quem a polícia não deu importância? Procuramos, em companhia do jornalista inteligente e atívisimo que é Hideo Onaga, localizar a mãe vagabunda. Tudo inútil. Um guarda de predios novos da rua Heliotropos nos disse que ela antes dormira ali em companhia de um pedreiro, por não ter quarto. Mas, com a terminação da obra, ambos haviam desaparecido para lugar ignorado.

Os amigos mais íntimos do matricida contam que nenhuma perversão se tornara observável em Paulo, em ocasião alguma. Normal foi a sua vida sexual de estudante pobre, e mesmo manifestava nojo pelo que se via obrigado a praticar. Desejava um dia ter uma mulher e um lar, bem como filhos, que saberia educar longe do pandemônio moderno. O encontro com Isa dos Amarelos trazia, portanto, um significado especial para o rapaz, cuja morbidez se cultivara nos horizontes murados em que vivia. Abriu de repente para ele as desejadas expansões de seu ser mais recalcado e profundo. E, imediatamente, o seu caráter não deixou ver as dificuldades e obices que daquela repentina ligação iriam resultar. O casamento, ao que parece, surgiu sem demora no cérebro do moço. A essa idéia nada podia opor uma enfermeira pobre e maior, que já fora vítima de um sacripanta qualquer e vivia no desconforto e no trabalho. O sonho dourou a existência marfiritizada de ambos. Como Rasnikof e Sonia, de Dostolevski, eles se ligaram, mas não para a penitência, a renúncia e o sacrifício.

O conflito edipiano estourou, sem dúvida revestido, na mãe, de todo o arsenal de preconceitos, velharias e tradições morais de que o próprio filho fora o conservador e o refém. Como seria admissível o casamento de um paulista de quatrocentos anos com uma enfermeira de hospital? Onde teria

ARGUMENTO DA INCOMPETÊNCIA DOS VIAJANTES

terias em pauta pelo Tribunal Relativo, em sua sessão de 1.º de julho de 1948, em julgamento de incompetência das empresas do comércio, dissídio com os vendedores logo após a abertura do presidente José Antônio de Carvalho Borges. E, depois de tecer comentários de dar pareceres de foro íntimo. Nesse fato, o presidente julgamento para relator o de Toledo Leite. Em se presentes redos suscitados e susdo estes, em palestra, declarou que m seja aceita a exceção com objetivos protetorários, visto já nada jurisprudência a pelo TRT, em julgadores.

AUDE (Diretor) COCHOQUE - Fone: 3530

“NUEL DIAS” e tubos) Radiotelevisão. ELETRO - Rua Barão de A MPINAS

UIROL MENTAIS - RIBEIRÃO PRETO

Isabel” to para tratamen- diretores: drs. Rui lição, 1.070 - Tel.